

# Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF): Orientação e treinamento para pais

Lidia Natália Dobrianskyj Weber  
Olivia Justen Brandenburg  
Ana Paula Viezzer Salvador  
*Universidade Federal do Paraná (UFP)*

---

## RESUMO

O presente trabalho visou implementar e verificar a eficácia do programa “Promoção da Qualidade de Interação Familiar” (PQIF), que orienta e capacita pais, para que eles mesmos aprendam a manejar as contingências de práticas educativas. Foram 93 pais participantes que tiveram uma porcentagem de presença de 87,9% (média). Os dados quantitativos, obtidos por uma ficha de avaliação, revelaram alta satisfação dos pais. A análise qualitativa dos relatos dos pais demonstrou que os eles passaram por um intenso processo de autoconhecimento e apresentaram mudanças, como: aumento da participação e do envolvimento dos pais na vida dos filhos, estabelecimento de regras claras e consistentes, maior valorização de comportamentos adequados dos filhos e aumento da frequência de elogios por parte dos pais, diminuição ou abandono do uso de palmadas. O programa atingiu seus objetivos, ressaltando que trabalhos de prevenção e intervenção com os pais são necessários para aumento da qualidade na interação familiar.

**Palavras-chave:** Treinamento de pais; interação familiar; relação pais-filhos.

## ABSTRACT

*Family Interaction Quality Program (PQIF) – Guidance and training for parents*

This study aimed to implement and verify the effectiveness of the “Family Interaction Quality Promotion” (PQIF) program, that guides and builds parental capacity, so that they themselves learn to deal with the contingencies of educational practices. 93 parents participated, with 87.9% attendance (average). The quantitative data, obtained through an evaluation form, revealed high parent satisfaction. The qualitative analysis of the accounts given by the parents demonstrated that they had gone through an intense process of self-knowledge and had presented some changes, such as: increased parental participation and involvement in their children’s lives, establishment of clear and consistent rules, the giving of greater recognition to adequate child behaviors and increased frequency of parental praise, reduced or discontinued corporal punishment. The program met its objectives, affirming that prevention and intervention work with parents is necessary to achieve increased quality of family interaction.

**Key words:** Parent training; family interaction; parent child relations.

---

A análise do comportamento tem como premissa a de que este ocorre em função da interação do indivíduo com o ambiente (Skinner, 1976). Isso permite pensar numa intervenção familiar, pois muitos comportamentos de um indivíduo são mantidos pela relação com os outros membros da família. Treinar os pais e capacitá-los para eles mesmos aprenderem a manejar as contingências de práticas educativas, implica uma alteração ambiental para os filhos; conseqüentemente, isso refletirá em mudanças no comportamento destes. O comportamento de estudar do filho, por exemplo, pode ser modificado e aprimorado na medida em que

os pais alterem as condições antecedentes e conseqüentes ao comportamento (Hübner, 1999).

Existem formas diversas de intervenção com pais. Aplicando três modelos diferentes (psicoterapia parental, orientação parental aliado à psicoterapia infantil e treinamento de pais), Marinho e Silveiras (2000) concluíram que o treinamento de pais apresentou vantagens quanto à adesão e quanto à praticidade.

A literatura dos últimos anos mostra que muitos trabalhos têm sido realizados com diferentes populações de pais, como pais de crianças com câncer (Löhr, 1998), de crianças com TDAH (Smith e Barrett, 2002),

de adolescentes com retardo mental e comportamentos agressivos (Tasse, Methot, Belanger e Belanger, 2001), de adolescentes com abuso de drogas (McGillicuddy, Rychtarik, Duquette e Morsheimer, 2001) e de filhos adotivos (Puddy e Jackson, 2003).

Pesquisas já realizadas com treinamento de pais têm encontrado resultados positivos. Van Wyk (1983) encontrou que os filhos do grupo experimental apresentaram uma visão de seus pais como mais compreensivos e mais sensíveis do que os filhos dos pais do grupo controle. A influência positiva do treinamento de pais na sensibilidade interpessoal também foi encontrada por Fine (1980). Outro interessante treinamento de pais foi realizado por Forehand, Wells e Griest (1980). O programa consistia em ensinar aos pais como usar reforçamento social e *timeout*. Após o treinamento, houve mudanças, tanto no comportamento dos filhos (maior obediência e menor desvios), quanto no comportamento dos pais (melhor percepção do ajustamento dos filhos). Após 15 meses do término do treinamento os pais indicaram satisfação com o que aprenderam.

Assim, os efeitos do treinamento de pais têm se mostrado duradouros ao longo do tempo. Spoth, Redmond e Shin (1998) encontraram efeitos positivos na realização de uma intervenção preventiva com pais. Um ano depois replicaram o mesmo programa de treinamento de pais e obtiveram os mesmos resultados, demonstrando que os efeitos do treinamento nos pais foi estatisticamente significativo (Redmond, Spoth, Shin e Lepper, 1999).

Webster-Stratton, Kolpacoff e Hollinsworth (1988) compararam o desempenho de quatro grupos de pais que foram submetidos a metodologias diferenciadas: um primeiro grupo de pais passou por tratamento de modelação individual por meio de *videotape*; um segundo, por tratamento de grupo de discussão aliado à modelação com *videotape*; um terceiro, por um tratamento de grupo de discussão, e um quarto, ficou como grupo controle. O segundo tipo de tratamento foi o mais consistente, mas em termos de eficácia, foi o primeiro tipo de tratamento que mostrou melhores resultados. Foi encontrado que as mães que passaram pelos três tipos de tratamentos, relataram menor frequência de problemas de comportamento e maior frequência de comportamentos pró-sociais em seus filhos; afirmaram ainda, usar menos frequentemente a punição corporal se comparadas às mães do grupo-controle.

Para mudar práticas parentais não parece suficiente escrever livros ou realizar palestras expositivas. Faz-se mister a realização de treinamentos práticos para que os pais adquiram novo repertório comportamental na interação com seus filhos. Desta forma, o presente trabalho visou apresentar a avaliação da efi-

cácia do programa “Promoção da Qualidade de Interação Familiar” (PQIF), um programa de orientação e de treinamento de pais elaborado pelas autoras. Foram medidos o nível de discriminação dos pais de seus comportamentos e da função desses em relação aos comportamentos dos filhos, a frequência de alteração de comportamentos dos pais e dos comportamentos dos filhos, e por último, o nível de satisfação do programa e a adesão, pelos participantes do programa.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram da pesquisa 93 pais e mães de crianças e de adolescentes, de diferentes classes socioeconômicas. A idade variou entre 22 e 57 anos, tendo uma média de 36 anos (desvio padrão de 7,1); o gênero predominante foi o feminino (78,1%). Foram realizados oito grupos, em diferentes localidades (dois em escolas públicas, dois em escolas particulares, um numa creche pública, três em salas da UFPR por divulgação do PQIF na mídia), cada um com o seguinte número de participantes: sete, dezessete, oito, oito, vinte, sete, doze e quatorze.

### Instrumentos

Programação estruturada de atividades já elaborada pelas pesquisadoras para direcionar os encontros com os pais (PQIF – Promoção da Qualidade de Interação Familiar – Anexo I). PQIF tem 8 encontros semanais: (1) aprendizagem; (2) relacionamento afetivo e envolvimento; (3) regras e limites; (4) reforçamento; (5) punições; (6) voltando no tempo, (7) autoconhecimento e modelo, (8) fechamento. Os encontros eram constituídos por vivências, discussões de dúvidas, explicações teóricas, treinamentos, tarefas de casa e auto-registro. Foram utilizados apostilas (elaboradas pelas pesquisadoras) e vídeos didáticos elaborados especialmente para este programa. No último encontro foi utilizada uma ficha de avaliação final (FAF), com 3 perguntas abertas (pontos positivos, pontos negativos e sugestões) e 8 fechadas (objetivo, conteúdo, material didático, participação nos encontros, duração, interesse, aplicabilidade e expectativas atingidas).

### Procedimentos

O Programa PQIF foi elaborado com base nas pesquisas realizadas para elaboração do instrumento EQIF (Escala de Qualidade de Interação Familiar) e foi aperfeiçoado com a revisão teórica de produção científica sobre treinamento de pais. Além disso, houve confecção de materiais didáticos, como transparências, cartilhas e/ou apostilas e fitas de vídeo. Pais e

mães foram contatados através de escolas públicas e particulares, ou através de propagandas na mídia (rádio e televisão). Os grupos foram realizados em diferentes épocas do ano. Houve coleta de dados (comportamentos verbais) durante a realização dos grupos e no último dia (ficha de avaliação final anônima).

### Análise dos dados

Análise quantitativa das questões fechadas da FAF e da porcentagem de presença dos participantes. Análise qualitativa de conteúdo dos comportamentos verbais emitidos pelos pais nos encontros e uma análise quali-quantitativa das perguntas abertas da FAF.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados e discutidos de acordo com suas origens: lista de presença, comportamento verbal durante o encontro, FAF.

### Lista de presença

Obteve-se a seguinte porcentagem de presença para cada um dos oito grupos realizados: 82,7%; 91,2%; 86,4%; 91,6%; 89,5%; 91,1%; 83,3%; 87,5%. A média desses valores foi de 87,9% de presença, que demonstra um bom nível de adesão. Este resultado apresenta-se como um primeiro ponto positivo a favor da eficiência do Programa PQIF.

### Comportamentos verbais durante os encontros

Depois de transcritas as falas dos pais, estas foram submetidas a uma análise de conteúdo. Percebeu-se que elas podiam ser agrupadas da seguinte forma: falas referentes à linha de base (comportamentos já presentes no repertório dos pais), à discriminação (“tomada de consciência”), à mudança de comportamento (estabelecimento de novos comportamentos). A análise dessas categorias possibilitou atingir o objetivo de verificar a eficiência do PQIF.

### Comportamentos de linha de base

Esta categoria permitiu verificar os comportamentos dos pais anteriores à participação do PQIF. Tais comportamentos foram relacionados principalmente aos temas: 1. relacionamento afetivo e envolvimento, 2. regras e limites, 3. reforçamento e 4. punição. Para uma análise mais didática, dividiu-se em comportamentos de linha de base adequados e inadequados.

As falas de alguns pais evidenciaram que de forma adequada eles:

1. demonstravam afeto pelos filhos e conversavam com eles (“*Demonstro afeto quando brinco com elas, incentivo nos desafios, fazendo carinho, na hora de dormir, cantando com elas, nas brin-*

*cadeiras do café da manhã*”); (“*Conversamos durante as refeições e à noite quando assistimos TV. Discutimos sobre algum assunto, surgem comentários*”);

2. colocavam regras explicando a razão de elas existirem (clareza) (“*Eu acostumei minha filha a ter sempre uma verdura no prato, mostrando por que aquilo é bom. Por exemplo, eu falo pra ela que é bom para ter uma pele bonita, então quando não coloco uma verdura ela já me pergunta se não tem verdura*”);
3. elogiavam e incentivavam comportamentos adequados, de forma sincera e valorizando o esforço (“*Elogiei o bolo que minha filha fez, ela sempre quer fazer o bolo novamente*”); (“*Os filhos só valorizam o elogio, se eles realmente merecem*”); (“*Eu levo muito em conta quanto o meu filho se esforçou pra conseguir aquilo*”);
4. puniam os comportamentos inadequados dos filhos retirando privilégios ou exigindo uma atitude para compensar o erro (“*Meu filho trouxe dois sapos e soltou na sala de aula, deixei uma semana sem televisão*”); (“*Meu filho me disse que tinha encontrado um novo lugar para fazer xixi: no lixinho. Daí eu disse para ele que tem que fazer no vaso. Peguei o lixinho e junto com ele limpamos*”).

Por outro lado, pais relataram comportamentos inadequados com relação aos filhos:

1. falta de dar atenção de qualidade (“*Quando a gente está assistindo TV é difícil a gente dar atenção a outras pessoas. Às vezes a criança quer conversar, e a gente não dá atenção*”);
2. regras inconsistentes (“*Minha filha é muito manhosa para escovar os dentes. Às vezes eu vou e ajudo, mas tem dias que eu estou cansada, cobro dela para ela fazer sozinha*”);
3. não reforçavam por entender o reforço como chantagem ou suborno, elogiavam sem sinceridade ou criticando junto, davam atenção em momentos inadequados (“*Será que, se eu dou alguma coisa para minha filha para ela fazer alguma coisa, ela só vai fazer por causa do que vou dar? Isso é certo?*”); (“*Eu respondo assim para meu filho quando noto que seu desenho não está bom: está bom, mas pode melhorar*”), (“*No mercado sempre grita e faz escândalo, tenho que dar para ele*”);
4. puniam seus filhos de forma inadequada, exagerada, muitas vezes usando punição física. (“*Falei pro meu filho que ele iria ficar um mês de castigo e ele ficou feliz, porque me disse que*

*como estaria de castigo não ia poder ir pra escola”); (“A primeira e a segunda vez que minha filha fez birra no mercado eu dei umas palmadas e expliquei que assim ela não ia conseguir o que ela queria”).*

Os pais que procuraram os grupos de PQIF certamente já tinham em seu repertório comportamentos adequados com seus filhos, como ficou evidente nos dados apresentados. Ressalta-se que esses comportamentos eram emitidos sem a “consciência” de sua função. Muitos pais já demonstravam amor com beijos, abraços e falas, mas faltava discriminar a necessidade de fazer isso com frequência e independente do comportamento do filho – deixar claro o amor incondicional. Alguns pais já elogiavam, mas não percebiam que isso funcionava para fortalecer o comportamento. O PQIF tem este objetivo de tornar os pais conscientes de seus comportamentos e das implicações destes.

Ao mesmo tempo, há muitos comportamentos inadequados dos pais. Não dar atenção de qualidade, ser inconsistente nas regras (agir cada dia de uma forma), o uso de punições inadequadas e o conceito errôneo de reforço, demonstram a necessidade de instrução sobre esses temas.

Ressalta-se que esses comportamentos inadequados dos pais também prejudicam a eles mesmos, pois mantêm comportamentos errados dos filhos. Foi muito frequente a queixa dos pais em relação à desobediência dos filhos, à mentira e à birra. Todos esses comportamentos são conseqüentes de um conjunto de atitudes parentais. Os filhos podem desobedecer porque as regras não estão esclarecidas, ou porque a apresentação de conseqüências aos comportamentos inadequados não está funcionando (uso de punições inadequadas, abusivas e inconsistentes), ou ainda porque não há motivação nenhuma (falta de reforçamento ao comportamento adequado). O comportamento de mentir pode ocorrer quando a criança é punida injustamente ao falar a verdade (e provoca a emoção de medo); quando o filho quer chamar a atenção (falta de demonstração sistemática de afeto ou de reconhecimento dos comportamentos adequados); ou ainda, quando os pais são inconsistentes e, assim, apresentam o modelo de dizer o que não fazem. De forma geral, a birra pode acontecer pela combinação da falta de atenção quando a criança se comporta bem, conseguir atenção com gritos e escândalos. Enfim, frequentemente as crianças desobedecem quando estão privadas de atenção parental e os pais acabam reforçando comportamento inadequados (Blum, Williams, Friman e Christophersen, 1995; Howard, 1996). Assim, os próprios pais, quando se queixam de um comportamento do filho, demonstram que estão agindo inadequadamente e que precisam de orientação.

### **Comportamentos de discriminação**

A palavra discriminação será utilizada aqui no sentido de passar a notar algo que antes não era percebido pelo sujeito. Os relatos de discriminação correspondem a “descobertas” dos pais, ou seja, eles passaram a ter “consciência” sobre alguns aspectos da educação pais-filhos.

As discriminações relatadas pelos pais podem ter ocorrido em momentos diferentes: durante a explicação da facilitadora, com a participação em uma vivência, assistindo a uma cena de filme, na realização de tarefas de casa ou auto-registro. A apresentação e análise dos relatos será feita de acordo com a função dos comportamentos discriminados: a) antecedentes, b) conseqüentes, c) elo da cadeia e d) não-contingentes.

a) Os pais discriminaram três comportamentos que funcionam como *antecedentes* para comportamentos dos filhos: 1. estabelecer regras claras e consistentes; 2. permitir autonomia; 3. apresentar-se como modelo. Cada um deles será comentado e exemplificado.

A necessidade de esclarecer as regras para os filhos foi discriminada pela maioria dos pais com uma vivência no dia do tema “Regras e Limites”. Os participantes perceberam os sentimentos negativos que a falta de clareza das regras pode provocar (“*Gera insegurança fazer uma coisa que não se sabe por quê*”), e perceberam que muitas regras em suas casas não estavam esclarecidas (“*Lá em casa temos a regra não andar descalço. Mas a regra não é clara porque às vezes pode às vezes não pode. Dia de calor ela pode ficar descalça, dia de frio não, e não sei se ela entende*”).

Segundo os analistas do comportamento, uma regra é um estímulo discriminativo verbal indicativo de uma contingência (Skinner, 1976), ou seja, descreve o comportamento e as conseqüências dele. Muitas vezes as pessoas ditam regras com a contingência implícita, dizendo apenas qual o comportamento que deve ser emitido. Para a criança, isso fica confuso, ela fica insegura sem saber quando deve se comportar e o que este comportamento acarreta, a curto e a longo prazo. Davis, MaMahon, Flessati e Tiedemann (1984) comprovaram em sua pesquisa que a obediência dos filhos é muito maior se a explicação da regra é clara, incluindo o que se deve fazer, quando e as conseqüências caso a criança obedeça ou caso desobedeça.

Além da clareza, os pais discriminaram que as regras precisam ser consistentes, ou seja, precisam ser mantidas (não podem depender do humor dos pais) e precisam ser cumpridas. Os pais perceberam que eles acabam cedendo e permitindo algo que não era permitido (“*Os filhos não cansam e vencem a gente porque a gente cansa, muitas vezes dizemos sim só para não*

*ouvir mais a insistência*”), e que não cumprem o que dizem, se prometem uma punição ou um reforço, acabam não fazendo (“*É verdade, meus filhos sempre me dizem que eu nunca faço o que eu digo*”). Além disso, os pais perceberam que muitas vezes há divergências entre o casal, o que também torna a regra inconsistente para a criança (“*Eu peço e brigo com meu filho para arrumar os brinquedos, e o pai diz que tudo bem, não precisa, tem que deixar ele brincar, faz parte*”). A regra consistente é um antecedente importante para comportamentos adequados dos filhos, por possibilitar a distinção entre o que pode e o que não pode fazer.

Os pais participantes também discriminaram a importância de dar autonomia para seus filhos fazerem escolhas e permitir que eles passem pela contingência natural (“*Meu filho é meio inseguro. É muita proteção. Isto fez mal para ele*”; “*Às vezes a gente faz escolha de roupas que a criança nunca escolheria pra si*”; “*Vejo que preciso, às vezes, deixar meu filho sofrer as conseqüências. Estes dias deixei ele cair, pois ele não quis ouvir quando eu disse para tomar cuidado*”). A educação dos filhos precisa do equilíbrio entre ensinar comportamentos por controle de regras e por modelagem pelas contingências naturais.

O terceiro antecedente discriminado foi apresentar-se como modelo para o filho. Os pais passaram a entender que os filhos imitam muitos comportamentos seus (“*Pude notar que alguns comportamentos de meu filho são muito parecidos com os meus*”) e que esse processo de imitação faz parte da construção do repertório comportamental da criança (“*A gente faz muita coisa errada como deixar cair uma maçã, não lavar e comer mesmo sabendo que está errado. Minha filha ao ver uma coisa errada acaba fazendo a mesma coisa, mesmo a gente não deixando*”).

**b)** Os pais fizeram discriminações sobre dois comportamentos seus que funcionam como *conseqüentes* para os comportamentos dos filhos: o reforço positivo e a punição. Eles discriminaram o uso errado desses dois conseqüentes.

Os pais discriminaram e entenderam como errada a ausência de apresentação do reforço positivo ao comportamento correto (“*Hoje a nossa filha fez um comportamento adequado – xixi e cocô no piquinho – e nós não elogiamos, deixamos passar em branco*”). Mais importante do que isso, perceberam que tal ausência se deve à falta do hábito de observar comportamentos adequados em seus filhos. Muitos pais reconheceram ter dificuldade em encontrar tais comportamentos (“*Achei difícil anotar estes comportamentos adequados, até porque a gente sempre focaliza os erros*”). Além disso, os pais discriminaram os sentimentos bons envolvidos na prática de elogiar (“*Como*

*é bom ser elogiado, reconhecido no que faz*”; “*Esses dias minha filha estava penteando meu cabelo, depois ela virou para mim colocou a mão no meu rosto e disse ‘Está linda!’ Eu gostei. Até a gente gosta de elogio*”). Essas discriminações são de fundamental importância para uma disciplina positiva dos filhos, pois o reforço positivo é a única forma de ensinar comportamentos e é a única prática não coercitiva (Sidman, 1995).

Foi discriminada a utilização de diversas punições inadequadas, como as exageradas (“*Deixei meu filho de dois anos durante meia hora sentado no sofá, acho que foi exagerado*”), as injustas (“*Briguei com meu filho por ele ter feito sujeira fritando banana, depois ele me disse que o pai tinha feito isso, briguei à toa*”), e as físicas (“*Eu bati na minha filha, mas reconheço que foram momentos de raiva, me arrependo, não vale a pena*”; “*Bater só serve para descarregar mesmo. Uma vez bati tanto no meu filho, mas tanto, que ele ficou inteiro roxo. Depois eu não acreditava que tinha feito isso. Até hoje eu converso com ele sobre isso e ele me perdoou*”). Os pais também discriminaram punições de comportamentos adequados, como o da criança contar coisas para os pais (“*Vi que temos que cuidar das críticas; nosso filho conta uma coisa que aconteceu na escola e já começo a brigar ‘por que você fez isso?’ , sem antes escutá-lo*”). São positivas essas discriminações sobre punições físicas e abusivas, pois esta é uma prática pouco recomendada na educação pelas suas conseqüências no desenvolvimento infantil (Kilgore, Snyder & Lentz, 2000; Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1989), e, quando mal utilizadas, aumentam as chances de prejuízos para os filhos.

**c)** Além das discriminações de comportamentos antecedentes e conseqüentes, houve discriminação de comportamentos dos pais que funcionam como *elo de uma cadeia* de comportamentos, ou seja, são comportamentos dos pais que contribuem para a emissão dos comportamentos antecedentes ou dos conseqüentes: empatia, monitoramento, autoconhecimento.

Os pais perceberam a importância de se colocar no lugar do filho (empatia) (“*É mais fácil entender o filho quando se olha para trás, para nossa infância*”), o que ajudou na compreensão das diferentes fases e mudanças (“*Meu filho já está pedindo para ir para aula sozinho ou não quer mais que eu entre no pátio com ele, como eu fazia antes*”). O comportamento empático é importante para a emissão de qualquer prática parental, pois ajuda a compreender o lado da criança ou do adolescente.

Monitorar os comportamentos dos filhos, verificar se cumpriram com a obrigação e se estão fazendo as atividades corretamente, fornece oportunidade para os

pais modelarem o comportamento dos filhos, seja reforçando, apresentando conseqüências aos comportamentos inadequados ou mostrando um modelo. Alguns pais perceberam que não monitoravam (*“O que eu observei em mim é que eu dava a regra, mas não monitorava. Eu abria muito espaço para que a regra não fosse cumprida”*).

O tema do autoconhecimento teve um impacto interessante nos pais. Muitos perceberam que não faz parte do repertório deles a auto-observação e a auto-avaliação (*“É difícil parar para pensar na gente”; “É uma coisa que a gente quase não faz. Muda a profissão, vem filho, outro filho”; “Eu tinha esquecido de pensar em mim, a gente fica tão absorvida em ser mãe e esposa que esquece da gente mesma!”*). Ao longo de todos os encontros, e principalmente com o auxílio da vivência, houve discriminação de padrões de comportamento (*“Sou uma mãe muito protetora, dura em muitos valores”; “Sofro porque quero que os outros façam as coisas do meu jeito”; “Sou muito fechado e por isso a minha comunicação com esposa e filhos está bastante prejudicada”*), o que contribuiu com a discriminação de os pais se apresentarem como um modelo para os filhos.

Faz parte também do processo de autoconhecimento, discriminar o porquê de certos comportamentos ou ausência deles. Os pais avaliaram a educação que receberam de seus próprios pais, um procedimento fundamental presente em outros treinamentos, como em Marinho e Silveiras (2000). Foram levantados aspectos negativos: pouco diálogo (*“Os pais antigamente não explicavam muita coisa, as crianças tinham que adivinhar”*), pouca demonstração de afeto (*“Meu pai nunca me pegou no colo, me abraçou”*), sem reforço positivo (*“Para meus pais tudo era obrigação, nada era elogiado”*), punição física (*“Eu apanhava sem razão, até quando eu estava com o sapato sujo”*); compreendendo que esta educação fazia parte de um contexto histórico diferente. Os participantes discriminaram que repetiam muitos comportamentos de seus próprios pais (*“Eu fazia com que meus filhos comessem tudo antes de sair da mesa e me lembrei que a minha mãe fazia o mesmo comigo”; “Foi importante porque consegui ver em mim alguns comportamentos que não tive com minha mãe e eu estava repetindo a mesma coisa com minha filha”*), e perceberam que essa tomada de consciência era necessária para não repetir práticas educativas inadequadas (*“Isso foi bom para saber como fui educada, o que faltou na minha educação e o que de triste ficou para mim. Procuo aplicar o que foi bom e não fazer igual o que foi ruim”; “Lembrar da educação rígida, colocando rótulos na criança foi importante. Reconheci que não devemos repetir a educação se ela não foi boa, com nossos*

*filhos”*). É de grande importância os pais compreenderem este ciclo intergeracional, já comprovado em pesquisas (Kaplow, Curran e Dodge, 2002; Murphy-Cowan e Stringer, 1999). As sensações de culpa (*“Estou me sentindo horrível, não tenho costume de abraçar e beijar meus filhos”*) diminuem quando os pais entendem por que eles agem de uma forma ou de outra.

**d)** Por último, houve mais uma categoria de comportamentos discriminados pelos pais, comportamentos parentais afetivos que devem ser, de certa forma, *não-contingentes* ao comportamento do filho: demonstração de afeto e envolvimento. O amor dos pais, sendo incondicional, não pode depender do que o filho faz ou deixa de fazer para ser expresso. Os pais discriminaram que não basta amar; eles precisam deixar claro para o filho este amor (*“É preciso dizer para o filho o quanto ele é importante em minha vida”; “Não adianta só amar, é preciso demonstrar; como? Beijo, carinho, e confiança; às vezes o filho não se sente amado, há pais e filhos que não se sentem próximos porque não há manifestação”*). Junto com a demonstração do afeto está o envolvimento, os pais perceberam que precisam se envolver mais com seus filhos, observá-los mais, conhecê-los mais, participar da vida deles e dar atenção de qualidade (*“Às vezes a gente fica tão preocupado com a educação e esquece dos pequenos detalhes como a cor favorita”; “Descobri que eu sabia pouco dos meus filhos”*). Ressalta-se a diferença desses comportamentos de afeto e envolvimento para o reforço, o qual depende de comportamentos adequados do filho.

### **Mudança de comportamento**

Os pais relataram muitas mudanças de comportamentos em seus próprios repertórios e no repertório dos filhos. Para melhor compreensão dos dados relativos aos comportamentos dos pais, estes serão apresentados na Tabela 1, de acordo com a divisão de temas do PQIF: relacionamento afetivo e envolvimento, reforço, reforçamento, punição e autoconhecimento.

A Tabela 1 é fundamental para a presente pesquisa. Os depoimentos revelam que, com a participação no PQIF, muitos comportamentos parentais importantes foram instalados no repertório dos pais, e alguns comportamentos inadequados diminuíram de frequência ou foram suprimidos. Ressalta-se que houve uma renovação do conceito “amor”, pois passaram a expressar mais este sentimento de diversas maneiras, incluindo demonstração de interesse e atenção pelo filho (*“Só beijo e abraço não são as únicas formas de expressar que você gosta de alguém. Descobri aqui que prestar atenção é uma forma”*). Os pais que não

TABELA 1  
Falas dos pais que demonstram mudança nos seus comportamentos

<b>Relacionamento Afetivo e Envolvimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Expressão do afeto – (“<i>Mudei. Agora digo ‘eu te amo’ com mais facilidade. Mudei até com a esposa. No começo me sentia meio constrangido. Agora está fluindo.</i>”)</li> <li>– Interesse – (“<i>Prestar mais atenção no que eles gostam. Procuo fazer um agrado.</i>”)</li> <li>– Disponibilidade – (“<i>Conversar é algo agradável. Eu sento agora para falar com ele. Antes eu ia conversar e já brigava com ele.</i>”)</li> <li>– Dar atenção de qualidade – (“<i>A gente procura aplicar o que aprende aqui com eles. Dedicar um tempo para eles. Eu não fazia isso. Eu tinha que fazer tudo em casa e não dava atenção. Agora eu estou mudando isso.</i>”)</li> <li>– Autonomia – (“<i>Aprendi a respeitar a vontade dele, mesmo não concordando. Claro se não for algo ruim para ele.</i>”)</li> </ul>
<b>Regras e Limites</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Implementação de regras na casa – (“<i>As regras lá em casa foram aplicadas, agora cada um tem suas regras, tem horário para brincar, para estudar, para fazer suas obrigações...</i>”)</li> <li>– Clareza – (“<i>Percebi o quanto estar no lugar do filho é difícil, por que não pode isso, não pode aquilo, não é fácil, não pode nada e não tem por que. Passei a explicar para a minha filha o porquê das coisas, por que ela tem que arrumar suas bonecas ou brinquedos.</i>”)</li> <li>– Consistência – (“<i>Cumprir o que prometeu, isso eu não fazia. Eu percebi que se eu cumprir o que falei, as coisas dão certo.</i>”)</li> </ul>
<b>Reforço</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Observar comportamentos positivos do filho – (“<i>Eu sempre fazia errado; antes do curso, era só observar os erros das minhas filhas e não, as coisas certas. Sempre acabava indo pelo lado negativo, agora, depois do curso, me seguro.</i>”)</li> <li>– Uso do elogio – (“<i>Eu a elogio, e ela me elogia. Pus em prática os elogios.</i>”)</li> <li>– Técnica de pontuação ou tabela – (“<i>Eu só punia e nunca elogiava, depois da aula sobre o cartaz eu aprendi a fazer isso, ele desenha as estrelinhas e fica todo faceiro.</i>”)</li> </ul>
<b>Punição</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Ignorar – (“<i>O grande lance para mim foi o de ignorar, não dar bola. Está fazendo efeito.</i>”)</li> <li>– Diminuição de brigas e gritos – (“<i>Antes eu brigava muito, agora converso antes.</i>”)</li> <li>– Parar de bater – (“<i>Eu dava umas palmadas. Agora não dou, converso, negocio. Deu mais certo.</i>”)</li> <li>– Autocontrole – (“<i>Quando estou nervosa, procuro me afastar e/ou chorar pra não bater.</i>”)</li> </ul>
<b>Autoconhecimento e Modelo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Prestar atenção em si – (“<i>Para mim, foi o mais importante, estava vivendo em função da minha família (que não é ruim), esquecendo de mim, das coisas de que gosto, estava me anulando e não havia percebido. Procuo pensar um pouco mais em mim, fazer avaliações dos comportamentos.</i>”)</li> <li>– Mudar o exemplo – (“<i>Eu estava sendo um modelo ruim, ela tava copiando de mim quando gritava com o menor, eu comecei a dar exemplo e parou aquela história de discussão, trouxe uma mudança nota 10, agradeço vocês pela ajuda.</i>”)</li> <li>– Mudança de aspectos negativos – (“<i>Eu mudei bastante, estou sendo mais tolerante.</i>”)</li> </ul>

tinham regras bem definidas em casa passaram a determiná-las, e se tornaram mais consistentes e mais claros quanto às regras, sendo muito evidente o número de pais que passaram a explicar o porquê para os filhos. No entanto, não houve manifestações de mudança de comportamento quanto à monitoria, o que pode ser devido à falha do próprio programa.

O reforço foi um conceito novo introduzido no repertório verbal dos pais, o que facilitou uma mudança intensa, pois a grande maioria dos pais disse que, enquanto antes só via erros, agora percebia mais os comportamentos corretos dos filhos. Esta mudança é valiosa, pois interfere no próprio conceito de disciplina e educação, os quais são, muitas vezes, associados à punição. Além disso, estudos têm mostrado que a observação e valorização dos comportamentos adequados da criança também alteram a percepção dos pais de seus filhos – vendo-os de forma mais positiva – e

de si mesmos – vendo-se como pais mais eficientes (Marinho e Silveiras, 2000).

Quanto à punição, houve mudança no sentido de se utilizar outras formas de consequenciar comportamentos inadequados, mais adequadas e menos danosas, como o ignorar, conversar no lugar de gritar e dar bronca, possibilitando a diminuição de palmadas.

Foram muito interessantes as mudanças relacionadas ao tema “autoconhecimento e modelo”. Os pais passaram a se perceber mais, a se valorizar. Eles procuraram o programa para solucionar problemas dos filhos e puderam perceber o quanto eles precisam se conhecer e se modificar, compreendendo que influenciam o comportamento dos filhos.

No tópico anterior sobre as discriminações, os dados foram expostos de acordo com as funções dos comportamentos dos pais relacionados aos dos filhos. Isso significa que, se houver mudança na contingên-

cia, nos antecedentes ou nos conseqüentes, ou nos elos das cadeias, certamente o comportamento de interesse (neste caso o do filho) se modifica. Como os pais relataram diversas mudanças em seus comportamentos, esperava-se que houvesse mudança no repertório dos filhos. Pelo relato dos pais isso aconteceu.

Os pais que relataram mudanças ligadas ao relacionamento afetivo e envolvimento, trouxeram informações sobre mudança na relação com os filhos, estavam mais próximos (*“Houve bastante mudança entre eu e a minha filha: estamos mais próximas”*), havendo maior cumplicidade e, mudança nos filhos que estavam aceitando mais carinhos ou sendo mais carinhosos (*“Estou dando mais carinho e recebendo também”*). Pais relataram que mudanças quanto às regras contribuíram para a obediência dos filhos (*“Meu filho está diferente, a semana inteira ele chegou em casa e primeiro fez a lição e depois foi brincar. Ele está mais obediente”*). O ignorar diminui birras de algumas crianças (*“Comecei a ver resultado nas atitudes da minha filha. Quando ela fazia birra, comecei a ignorar, e ela parou de fazer”*).

A maioria das mudanças nos filhos foi relacionada pelos pais a uma nova forma de agir: reforço de comportamentos corretos. A implementação desta prática teve resultados imediatos. Muitos pais relataram que perceberam alteração positiva no comportamento dos filhos (*“Comecei a dar as estrelinhas para a minha filha e observei melhoras excelentes”*), comprovando que o reforço aumenta a frequência do comportamento (*“Minha filha começou a fazer mais as coisas que eu elogiava”*); alguns especificaram dizendo que houve aumento do desempenho escolar (*“Passei a elogiar o caderno do meu filho, e agora está caprichando mais no caderno”*; *“Minha a filha está lendo melhor após os elogios”*). Os pais relataram alegria e aproximação dos filhos (*“Eu passei a elogiar mais meu filho, e ele*

*ficou tão alegre que foi contar para a avó ‘Vó, a mãe tá me dando parabéns porque estou indo dormir sozinho’*”; *“Estou elogiando mais meu filho, então ele me escreve uns bilhetinhos dizendo que me ama, ele está mais junto de mim”*). Alguns relataram mudanças em outros relacionamentos (*“Aprendi a elogiar e a receber elogios do meu filho e meu marido, percebi que eles também se sentem bem, melhorou a auto-estima de todos”*; *“Comecei a elogiar mais meu irmão. Falei também para meu filho para ele elogiar a namorada, percebi que mudou a relação deles”*).

### Ficha de avaliação final

Os dados quantitativos das fichas de avaliação final (FAF) estão apresentados na Tabela 2. Referem-se às respostas fornecidas por 57 dos 93 participantes.

Esses números da Tabela 2 demonstram que a quase totalidade dos participantes estava satisfeita com os 8 itens relacionados ao curso do PQIF. Somente em 4 questões (2, 3, 5 e 6) houve pessoas marcando opções menos favoráveis ao curso, e ninguém marcou as opções negativas, como “não foram atingidos”, “fraco”, “péssimo”, “em momento algum”. Pode-se pensar que essas respostas sejam tendenciosas e respondidas de acordo com o esperado, mas este resultado se confirma nos dados analisados a partir das três perguntas abertas da FAF.

As 3 perguntas (pontos positivos, pontos negativos e sugestões) foram categorizadas e tiveram a porcentagem calculada. Como ponto positivo, 49,4% das pessoas escreveram algo relacionado ao curso, como material e conteúdo, sendo que muitos elogiaram a oportunidade de cada um falar durante os encontros, afirmando que gostaram bastante da troca de experiência entre eles. Ainda como ponto positivo, 38,8% escreveram sobre os ganhos relativos à compreensão de comportamentos seus ou de seus filhos, e os outros 11,8% elogiaram o desempenho das facilitadoras.

TABELA 2  
Porcentagem das respostas dos participantes às 8 perguntas da FAF

1. Os objetivos do curso foram	a) atingidos na maior parte (59,6%)	b) totalmente atingidos (40,4%)	
2. Exploração dos conteúdos	a) razoável (1,7%)	b) boa (15,8%)	c) ótima (82,5%)
3. Qualidade do material didático	a) razoável (1,7%)	b) boa (38,6%)	c) ótima (59,6%)
4. A dinâmica do curso permitiu participação	a) em grande parte (79,0%)	b) em sua totalidade (21,0%)	
5. Duração do curso	a) insuficiente (10,5%)	b) razoável (10,5%)	c) adequada (79,0%)
6. O curso despertou interesse	a) em pequena parte do tempo (1,7%)	b) em grande parte do tempo (29,8%)	c) na totalidade do tempo (68,5%)
7. Aplicabilidade do curso na vida	a) grande (56,1%)	b) total (43,9%)	
8. O curso diante da expectativa	a) bom (8,8%)	b) ótimo (91,2%)	

Poucas pessoas anotaram pontos negativos. 53,7% não escreveram nada e 29,2% colocaram reclamações específicas. É interessante ressaltar que 17,1% reclamaram do pouco tempo para a realização do curso, um dado complementado pelas sugestões, pois nesta questão 11,4% sugeriram aumentar o período do PQIF ou de cada encontro. Mais pessoas demonstraram querer participar por mais tempo: 11,4% pediram para serem feitos outros grupos abordando outros temas; 22,7% sugeriram continuação deste trabalho para outros pais aproveitarem; 13,6% não escreveram sugestão nenhuma, e 6,8% tiveram sugestões específicas. Nessas duas questões, pode-se observar o quanto foi importante e produtivo para os participantes o curso do PQIF, pois a própria crítica é um ponto positivo: os pais querem um programa com maior duração.

É sempre interessante esta avaliação individual e escrita (foi feita anonimamente), pois se oferece a chance de as pessoas darem um *feedback* para possibilidades de melhora do programa PQIF. Em outras pesquisas também foi realizado este procedimento de avaliação final e obteve-se também um nível alto de satisfação dos pais (Marinho e Silveiras, 2000).

## CONCLUSÕES

Os resultados desta avaliação do Programa de Qualidade na Interação Familiar demonstram que todos os objetivos especificados foram atingidos pela presente pesquisa. Buscou-se verificar a eficácia do programa PQIF por meio de vários indicadores. Um deles foi pelo cálculo do nível de adesão, a porcentagem de presença foi muito boa (média de 87,9%); outro indicador foi o nível de satisfação dos participantes, a análise da ficha de avaliação final foi positiva, mostrando que o PQIF atendeu às expectativas e necessidades que os pais buscaram.

Os outros objetivos desta pesquisa foram alcançados pela análise das falas dos participantes. Com estas análises pôde-se perceber que os pais chegaram no curso com um repertório de comportamentos e saíram dele com este repertório modificado, ou, no mínimo, discriminado. Ficou evidente o intenso processo de discriminação pelo qual os participantes passaram. Toda a estrutura do programa PQIF facilitou este processo através das explicações orais, das vivências, dos materiais, dos vídeos, das tarefas de casa ou dos auto-registros.

Um especial realce deve ser dado à comprovação de que os pais que fizeram parte dos grupos de PQIF discriminaram diversos padrões de comportamentos inadequados que mantinham (exemplo: punições inadequadas) e diversos comportamentos ausentes, mas necessários para o bem desenvolvimento do filho

(exemplo: regras claras e reforçamento). Geralmente as pessoas agem de forma automática, como disse um participante ao se representar numa vivência de autoconhecimento: “*Criei um robô para representar pais mecânicos, pois a rotina me deixa muito automático*”. Assim, muitos pais podem ter comportamentos adequados ou inadequados na educação de seus filhos. No entanto, não têm “consciência” deles, e muito menos da relação desses seus comportamentos com os de seus filhos. Eles agem “intuitivamente”, da forma como aprenderam com seus próprios pais. Os resultados do PQIF evidenciam a alta contribuição para o processo de discriminação.

Discriminar comportamentos e suas funções é de extrema importância por permitir modificação de comportamento. Ninguém é totalmente livre; há sempre controle de comportamento por variáveis ambientais (Skinner, 1972). O interessante é que, na visão da análise do comportamento, torna-se possível trocar o controle coercitivo por outro, não-coercitivo. Foi exatamente isso que aconteceu com os pais participantes do PQIF. Os pais representam importantes variáveis ambientais que controlam comportamentos de seus filhos. As mudanças de comportamento analisadas comprovaram que a maioria dos pais passou a controlar mais seus filhos pelo uso de reforços positivos, o único controle não-coercitivo. Foi tão significativa a aquisição deste novo comportamento dos pais, que se refletiu em diversas mudanças nos comportamentos de seus filhos, como eles relataram.

Desta forma, os resultados são claros ao mostrar que muitos pais mudaram seus comportamentos, seja incorporando novas formas de agir, seja suprimindo comportamentos inadequados, sendo também fundamental a mudança com relação à demonstração de amor parental. Tanto o reforço quanto a demonstração de afeto através do interesse e do envolvimento, eram comportamentos que estavam pouco presentes nos repertórios dos pais dos participantes, como eles mesmos relataram. No PQIF os participantes adquiriram estes comportamentos e diminuíram muito o uso da punição física que estava muito presente em suas infâncias. Essas modificações constituem uma quebra do ciclo intergeracional.

O objetivo de verificar mudanças nos pais e nos filhos foi alcançado. Entretanto, deve-se atentar à dificuldade metodológica de verificar de fato essas mudanças. Estas foram analisadas pelas falas dos pais, sendo tal análise indireta. Outros métodos poderiam se utilizados para avaliar mudanças comportamentais, como a observação em ambiente natural, mas que apresenta diversas dificuldades de acesso e de análise.

Esta foi uma limitação da presente pesquisa, assim como outras podem certamente ser levantadas. Apro-

veita-se, porém, este espaço para ressaltar a importância deste trabalho. Em primeiro lugar, o PQIF diferenciou-se de outros treinamentos de pais ao atingir uma população não-clínica e sem queixas específicas, como em outros treinamentos (Löhr, 1998, Smith e Barrett, 2002; McGillicuddy, Rychtarik, Duquette e Morsheimer, 2001; Tasse, Methot, Belanger e Belanger, 2001). O PQIF pretendeu atingir pais de crianças de forma geral, por ter um objetivo mais preventivo. As mudanças ocorridas nos comportamentos dos pais, certamente previnem a manutenção ou estabelecimento de comportamentos inadequados nos filhos e promovem valorização do comportamento adequado. Além disso, o PQIF enfatiza a demonstração de afeto e o envolvimento não-contingente, tornando a educação pais-filhos positiva e saudável.

Por último, este trabalho tem uma importância como respaldo para a prática psicológica. O trabalho do psicólogo junto à comunidade, às escolas, às empresas etc, precisa ser avaliado cientificamente para certificar sua efetividade. Pesquisas como esta fornece bases científicas para a prática psicológica, oferecendo maior segurança para o profissional e para as pessoas com quem este trabalha. Além disso, avaliar programas como o desta pesquisa, possibilita um meio de divulgação e de trocas científicas.

## REFERÊNCIAS

- Blum N. J., Williams G. E., Friman P. C., & Christophersen E. R. (1995). Disciplining young children: the role of verbal instructions and reasoning. *Pediatrics*, *96*, 2, 336-341.
- Davis, G. R.; McMahon, R. J.; Flessati, E. W., & Tiedemann, G. L. (1984). Verbal rationales and modeling as adjuncts to a parenting technique for child compliance. *Child Development*, *55*, 1290-1298.
- Fine, M. J. (1980). (Org.). *Handbook on Parenting Education*. New York: Academic Press.
- Forehand, R. Wells, K., & Griest, D. (1980). An examination of the social validity of a parent-training program. *Behavior Therapy*, *11*, 488-502.
- Howard Bj. (1996). Advising parents on discipline: what works. *Pediatrics*, *98*, 809-15.
- Hübner, M. M. (1999). Contingências e regras familiares que minimizam problemas de estudos: a família pró-saber. In R. R. Kerbauy, & R.C. Wielnska (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 4, pp. 95-104). São Paulo: Arbytes, 1999.
- Kaplow, J. B., Curran, P. J., & Dodge, K. A. (2002). Child, parent, and peer predictors of early-onset substance use: a multisided longitudinal study. *Journal of Abnormal Child Psychology*. [On line] Word Wide Web: [http://www.findarticles.com/cf\\_dls/m0902/3\\_30/86874928/p1/article.jhtml](http://www.findarticles.com/cf_dls/m0902/3_30/86874928/p1/article.jhtml)
- Kilgore, K.; Snyder, J.; Lentz, C. (2000). The contribution of parental discipline, parental monitoring, and school risk to early-onset conduct problems in African American boys and girls. *Developmental Psychology*, *36*, 6, 835-845.
- Löhr, S. S. (1998). *Crianças com câncer: discutindo a intervenção psicológica*. [Tese de Doutorado], IPPUSP, São Paulo, 1998.
- Marinho, M.L., & Silveiras, E. F. M. (2000). Modelos de orientação a pais de crianças com queixas diversificadas. In R. R. Kerbauy, & R. C. Wielnska (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 5, pp. 171-183). São Paulo: Arbytes.
- McGillicuddy, N. B., Rychtarik, R. G., Duquette, J. A., & Morsheimer, E. T. (2001). Development of a skill training program for parents of substance-abusing adolescents. *Journal of Substance Abuse Treatment*, *20*, 1, 59-68, 2001.
- Murphy-Cowan, T., & Stringer, M. (1999). Physical punishment and the parenting cycle: A survey of Northern Irish parents. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, *9*, 1, 61-71.
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D., & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, *44*, 329-335.
- Puddy, R.W., & Jackson, Y. (2003). The Development of Parenting Skills in Foster Parent Training. *Children and Youth Services Review*, *25*, 12, 987-1013.
- Redmond, C., Spoth, R. Shin, C., & Lepper, H. S. (1999). Modeling long-term parent outcomes of two universal family-focused preventive interventions: One-year follow-up results. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *67*, 6, 975-984.
- Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações*. Campinas: editorial Psy II.
- Skinner, B.F. (1972). *O mito da liberdade*. Rio Janeiro: Bloch Editores.
- Skinner, B. F. (1976). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: EDART-São Paulo Livraria Editora.
- Smith & Barrett. (2002). The effect of parent training on hyperactivity and inattention in three school-aged girls with attention deficit hyperactivity disorder. *Child and Family Behavior Therapy*, *24*, 3, 21-35.
- Spoth, R., Redmond, C., & Shin, C. (1998). Direct and indirect latent-variable parenting outcomes of two universal family-focused preventive interventions: Extending a public health-oriented research base. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *66*, 385-399.
- Tasse, M.J., Methot, S.; Belanger, A., & Belanger, C. (2001). Efficacité d'un programme de formation à l'Intervention pour comportements agressifs in residence/readaptation. *Revue Francophone de la Deficience Intellectuelle*, *12*, 2, 133-143.
- Van Wyk, J. D., Eloff, M. E., & Heyns, P. M. (1983). The evaluation of an integrated parent-training program. *Journal of Social Psychology*, *121*, 273-281.
- Webster-Stratton, C., Kolpacoff, M., & Hollinsworth, T. (1988). Self-administered videotape therapy for families with conduct-problem children: Comparison with two cost-effective treatments and a control group. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *56*, 558-566.

Recebido em: 02/05/2005. Aceito em: 10/08/2006.

### Autores:

Lidia Natália Dobrianskyj Weber – Psicóloga. Universidade Federal do Paraná (UFP).  
Olivia Justen Brandenburg – Psicóloga. Universidade Federal do Paraná (UFP).  
Ana Paula Viezzer Salvador – Psicóloga. Universidade Federal do Paraná (UFP).

### Endereço para correspondência:

LIDIA N. D. WEBER  
Praça Santos Andrade, 50 – 1º andar  
CEP 80020-300, Curitiba, PR, Brasil  
E-mail: lidiaw@uol.com.br

## ANEXO I

### PROGRAMA “QUALIDADE NA INTERAÇÃO FAMILIAR”

**1º Dia: “Abertura: Aprendizagem”**

- ⇒ Inscrição.
- ⇒ Apresentação das aplicadoras e dinâmica de apresentação dos participantes: Novelo de lã.
- ⇒ Atividade: Discussão em grupos sobre o que é uma educação ideal.
- ⇒ Explicação teórico-lúdica: Processo de aprendizagem.
- ⇒ Tarefa de casa: Anotar como você expressa afeto pelo(s) filho(s).

**2º Dia: “Relacionamento afetivo”**

- ⇒ Atividade: “Você conhece bem o seu filho?”
- ⇒ Discussão sobre a tarefa de casa.
- ⇒ Explicação teórico-lúdica sobre a importância do vínculo afetivo.
- ⇒ Treino de habilidades: Lsta de atividades para criar um clima agradável na família.
- ⇒ Tarefa de casa: Anotar três comportamentos de seu(s) filho(s) que são obrigação e três comportamentos que são proibidos.

**3º Dia: “Regras e limites”**

- ⇒ Atividade: Brincadeira “Quem vai para a lua”.
- ⇒ Discussão sobre a tarefa de casa.
- ⇒ Explicação teórico-lúdica sobre as regras e como aplicá-las adequadamente.
- ⇒ Treino de habilidades: Dramatização em dupla de negação de um pedido.
- ⇒ Tarefa de casa: Anotar seis comportamentos de seu(s) filho(s) considerados adequados.

**4º Dia: “Reforçamento”**

- ⇒ Atividade: Apresentação de figuras com erros.
- ⇒ Discussão sobre a tarefa de casa
- ⇒ Explicação teórico-lúdica sobre o que é o reforçamento.
- ⇒ Tarefa de casa: Anotar seis comportamentos de seu(s) filho(s) considerados inadequados.
- ⇒ Auto-registro: Anotar quantas vezes você “reforçou” seu(s) filho(s).

**5º Dia: “Punições”**

- ⇒ Atividade: Historinha sobre punição e discussão sobre o que acham, se concordam.
- ⇒ Discussão sobre a tarefa de casa.
- ⇒ Explicação teórico-lúdica sobre o ignorar, *time-out*, castigos, bronca e palmadas.
- ⇒ Vídeos ilustrativos.
- ⇒ Tarefa de casa: Anotar quais são os momentos e situações que você consegue conversar com seu(s) filho(s) e quais são as dificuldades que você encontra para conversar com ele(s).
- ⇒ Auto-registro: Anotar, durante a semana, como você “puniu” seu(s) filho(s).

**6º Dia: “Voltando no tempo”**

- ⇒ Atividade: Voltando no tempo. Pensar: “Conseqüências por comportamentos adequados, por comportamentos inadequados e como se sentiam diante disso”.
- ⇒ Tarefa de casa: notar quais comportamentos percebe que o filho imita o pai.

**7º Dia: “Autoconhecimento e a importância do modelo”**

- ⇒ Atividade: Cada participante terá que montar uma peça (um objeto) individualmente. Esta peça deverá representar o que cada um é (características pessoais).
- ⇒ Explicação teórico-lúdica sobre a importância do autoconhecimento.
- ⇒ Treino de habilidades: Descrição de cinco qualidades e cinco defeitos de si próprio.
- ⇒ Auto-registro: Anotar dois dos comportamentos que gostaria de mudar (que foram trabalhados durante o encontro). Anotar por dois dias (no mínimo) quantas vezes cada um destes comportamentos foi emitido.

**8º Dia: “Fechamento: Revisão”**

- ⇒ Atividade: Revisão geral:cada participante fala o que mais marcou em cada tema tratado.
- ⇒ Aplicação dos instrumentos de medida.